



ORDEM DOS MÉDICOS

Exmo Presidente do CRSOM

Exmo Presidente do CSRCOimbra

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Caras e caros colegas,

É uma honra profunda estar convosco neste momento inaugural das vossas vidas como médicas e médicos. IMPORTÂNCIA DESTA CERIMÓNIA.

Mas permitam-me começar pelo essencial: os meus sinceros parabéns!

Chegar aqui exigiu-vos muito: disciplina, resiliência, renúncias, escolhas que poucos têm a coragem de fazer. Houve noites em que estudaram enquanto os outros descansavam ou se divertiam, dias em que sustentaram a dúvida quando todos exigiam respostas imediatas. Hoje, entram plenamente na comunidade médica e recebem um privilégio raro, o de cuidar do bem mais precioso que temos: a vida humana.

Quero também prestar homenagem a quem tornou possível que cada um de vós chegasse aqui. Nenhum caminho de exigência se faz sozinho. Houve quem vos desse silêncio quando precisavam de estudar, que vos tranquilizasse em momentos de ansiedade e de dificuldades. Quem nunca desistisse de acreditar em vós. Também vivi esses momentos na minha vida e sei o que significa ter alguém que acredita em nós, mesmo antes de nós próprios acreditarmos inteiramente.

Por isso, deixo uma palavra especial para todos os que vos acompanharam até aqui e foram, e continuam a ser, o vosso porto seguro: pais e mães, avós, familiares, amigos. Este momento pertence-vos também. Recebam a nossa profunda gratidão... e a salva de palmas que este auditório vos deve. Muito obrigado!

Caras e caros colegas, vocês são uma elite. Não uma elite feita de privilégios e comodidades, como muitas vezes injustamente se ouve, mas uma elite construída na dedicação e no mérito.

Poucos conseguem alcançar o que alcançaram, e quem aqui chega não o faz para se elevar acima dos outros, mas para se colocar ao serviço e ao lado dos outros, especialmente daqueles que enfrentam maior fragilidade.

É essa condição, servir o doente e a vida, que dá grandeza à nossa profissão. Este instante ultrapassa largamente a sua dimensão física e temporal. Liganos a milénios de ciência, de arte médica, de compaixão e de coragem inscritos na própria história da civilização. Insere-vos numa linhagem que atravessa séculos: a de todas as gerações de médicos que vos precederam e das que ainda virão.

Não existe outro juramento com esta amplitude. Não deixa de ser curioso, nasceu numa pequena ilha perto da costa da Turquia, na ilha de Cós, na escola



ORDEM DOS MÉDICOS

hipocrática, e tornou-se, ao longo dos séculos, num compromisso solene e universal que une todos os médicos, independentemente da época, da geografia ou do sistema em que exercem.

Não conheço outro texto que una de forma tão profunda e tão universal toda uma profissão em todos os 5 continentes. ELE É IRREVOGÁVEL
SERÃO MÉDICOS PARA TODA A VOSSA VIDA.

E nunca percam de vista esta verdade: a partir de hoje, cada palavra, cada gesto, cada olhar e cada decisão vossa tem o poder de orientar o destino de uma vida e, inevitavelmente, o de milhares que se cruzarão convosco.

O SNS que o Ministério da Saúde tem o dever de organizar, planear e defender continua marcado por fragilidades graves que atingem diretamente quem nele trabalha. Persistem dificuldades em atrair e fixar médicos, apesar de todos os contributos e alertas da Ordem dos Médicos, com concursos tardios, carreiras desajustadas, burocracia excessiva e cargas horárias incomportáveis, gerando exaustão e aumento de episódios de violência inaceitáveis contra profissionais, enquanto a formação médica é sacrificada em que, frequentemente, os médicos internos são utilizados para tapar falhas nas escadas para as quais não estão capacitados. As listas de espera, as urgências sobrelotadas e sistemas informáticos que não libertam tempo para o ato médico mostram um sistema que se apoia no sacrifício dos médicos para suprir o que a organização não garante – e nenhum SNS pode viver eternamente de heroísmos. Compete ao Ministério da Saúde assumir decisões corajosas que não assume, ouvir quem está no terreno que não ouve e abandonar narrativas que desmentem a realidade das enfermarias, urgências e consultas. Ainda ontem, um relatório da Entidade Reguladora da Saúde arrasou o programa «Ligue antes, Salve vidas», por pôr em causa o preceito constitucional básico do direito à saúde.

Parece mesmo desanimador, mas não é para vos desanimar, é sobretudo para vos convocar, porque os médicos foram sempre motor de desenvolvimento e esperança.

O sucesso do SNS, desde a sua criação não se deve apenas a decisões políticas, longe disso, deve-se, sobretudo, ao papel que os médicos têm desenvolvido desde antes da sua criação. Hoje, mais do que nunca, o país precisa de todos nós. O país Precisa de

médicos capazes de honrar a sua missão em cada ato, em cada turno, em cada consulta, em cada intervenção, sem ceder à indiferença ou à resignação. Mas o nosso papel não se esgota na clínica. A frase atribuída a José Letamendi, médico espanhol, “Um médico que só sabe de Medicina, nem de medicina sabe”, retomada e incarnada de forma exemplar por Abel Salazar, lembra-nos que a profissão exige muito mais do que técnica.

Reclama cultura geral, sensibilidade social, compaixão, humanismo e uma compreensão profunda do ser humano. E esta é uma dimensão essencial da medicina que nunca podemos perder de vista.

A medicina nunca se limita a um consultório ou a um corredor de urgência. Temos de ser interventivos quando as condições escasseiam, somos a voz pública de quem não tem voz, somos presença ativa e inconformada nos



ORDEM DOS MÉDICOS

lugares onde a doença e o sofrimento não encontram resposta.

O que testemunharão nas enfermarias, nas urgências e nas consultas não serão episódios isolados, são o retrato real de um país cuja Saúde procura desesperadamente um rumo claro e sustentável. Nunca se acomodem, defendam cuidados de qualidade, defenda um acesso justo e condições de trabalho dignas.

No centro da medicina está a relação médico–doente. Antes de exames, algoritmos ou protocolos, existe um encontro entre uma pessoa fragilizada e outra, nós, que tem a capacidade e o compromisso de cuidar. Tudo começa nesse encontro único, nessa relação insubstituível.

Vivemos um período de extraordinária oportunidade científica e tecnológica. A inteligência artificial, a telemedicina, os sistemas de apoio à decisão clínicas, as novas tecnologias, já estão a transformar a prática clínica. Mas não confundamos meios com fins: a tecnologia deve libertar-nos para aquilo que nenhuma máquina jamais conseguirá fazer, mas não nos deve substituir. Nenhum algoritmo substitui uma mão segura, um olhar atento ou o silêncio certo no momento certo. A relação médico–doente é um contacto humano que permanecerá o pilar da Medicina, e cabe-nos sempre garanti-la, protegê-la e fortalecê-la.

A medicina que hoje praticamos deve ser profundamente solidária, justa e humanista.

Neste percurso, não se esqueçam daquilo que também é importante e sem o qual nunca serão bons médicos, vós próprios e a vossa saúde, cuidem de vós com a mesma seriedade com que cuidarão dos vossos doentes. Não por egoísmo, mas por dever ético. Médicos exaustos não conseguem proteger os outros. Defendam sempre aquilo que vos é devido: respeito, condições de formação e de trabalho adequadas. Não serão internos, mas antes de tudo médicos como quaisquer outros.

A profissão pede muito, é verdade, mas se forem fiéis a ela, receberão ainda mais em sentido de propósito, de reconhecimento silencioso, de vidas tocadas e transformadas. Não há gesto mais compensador, mais silenciosamente profundo, do que o olhar de um doente que deposita em nós a sua confiança e a sua gratidão. Nesse olhar habita uma verdade profunda: a certeza de que estivemos presentes, de que não abandonámos, de que fizemos todo o possível e, muitas vezes, o impossível. É nesse instante, tão breve quanto absoluto, que a medicina revela a sua grandeza e que sentirão plenamente o sentido da vossa missão.

Para terminar, quero deixar-vos uma imagem que é, talvez, um retrato simples e fiel da essência da medicina. Martin Buber, filósofo do encontro e das relações interpessoais, descreveu assim o poder de um verdadeiro encontro entre duas pessoas, palavras que poderiam ter sido escritas especialmente para este juramento:

“O verdadeiro encontro acontece quando dois seres humanos se reconhecem, não pelas suas funções, mas pela sua presença inteira.

O que importa não é o que cada um sabe ou possui, mas aquilo que cada um é diante do outro.



ORDEM DOS MÉDICOS

E é nesse instante que algo novo se torna possível, algo que nenhum de nós conseguiria sozinho.

No encontro autêntico, nasce uma realidade partilhada que transforma silenciosamente os dois.”

A medicina é isto: um encontro que transforma — transforma a vida de quem cuidamos e transforma também a nossa própria vida como médicos. Um encontro que salva, que consola, que faz nascer esperança onde ela parecia impossível. Um encontro que humaniza profundamente. O conhecimento técnico e científico é indispensável. É a base da nossa competência, a garantia de que o cuidado assenta na melhor evidência. Contudo, para que a relação médico-doente se possa construir verdadeiramente, não basta saber, é preciso estar, saber estar em todas as circunstâncias da vida e da doença.

Façam deste juramento um compromisso vivo, fiel e corajoso, que vos acompanhe em cada decisão clínica e em cada escolha ética.

O SNS precisa de vós. Todo o sistema de saúde precisa de vós. O país precisa de vós – hoje e no futuro.

E a Ordem dos Médicos estará sempre convosco, ao vosso lado, na defesa da profissão e dos vossos doentes.

Vivam intensamente este momento e que sejam verdadeiramente felizes.

Muito obrigado.